

Bimestral • Ano do Senhor 2015

O FIEL CATÓLICO

Catequese :: Apologética :: Doutrina :: Teologia :: Filosofia



10

SÃO JOÃO BATISTA | A ORAÇÃO INFALÍVEL | IDEOLOGIA DE GÊNERO



“Vejo-te cavalheiro cristão (dizes que o és), beijando uma imagem, mascarando entre dentes uma oração vocal, clamando contra os que atacam a Igreja de Deus, e até frequentando os santos Sacramentos. Mas não te vejo fazer um sacrifício, nem prescindir de certas conversas mundanas (podia, com razão, aplicar-lhes outro qualificativo), nem ser generoso com os inferiores. – Nem na Igreja de Cristo! – Nem suportar uma fraqueza do teu irmão, nem abater a tua soberba pelo bem comum, nem desfazer-te do teu forte invólucro de egoísmo, nem... tantas coisas mais! Vejo-te... Não te vejo. E dizes que és um cavalheiro cristão? – Que pobre conceito fazes de Cristo!”

São Josemaría Escrivá ('Caminho', pt. 683)

EDITORIAL

Certo homem estava indeciso sobre tornar-se ou não cristão. Um dia, sonhou e viu-se equilibrado em cima de um muro. Ao seu lado direito havia um anjo, e, ao seu lado esquerdo, um demônio. O homem queria saltar para o lado do anjo, luminoso e belo, de quem emanava uma aura de amor profundo. Sabia, porém, que se o fizesse precisaria abrir mão de uma série de pequenos prazeres, de certos vícios aos quais estava muito apegado.

Olhava então, pensativo, para o lado do demônio, sabendo que se optasse pelo seu lado poderia continuar desfrutando de todos os seus “pecados de estimação”. Entendia, porém, que saltar para esse lado significava por em risco sua alma.

O anjo, vendo a hesitação do homem, instava e lhe pedia a todo instante: “Vem para este lado, o lado de Nosso Senhor, da Santíssima Virgem, dos santos e anjos de Deus! Ganharás a felicidade eterna! Vem, as alegrias do mundo são passageiras, não valem a pena! Vem! Vem!”, e não parava de insistir. Já o demônio se mantinha calado, apenas rondava, ostentando uma expressão satisfeita; – intrigado, o homem lhe perguntou: “Por que não me convidas também a decidir pelo teu lado, como o anjo”? Para a sua surpresa, o demônio respondeu: “Porque já estás do meu lado! O muro é meu.”...



EXPEDIENTE FIEL



A revista “O Fiel Católico” é mantida pela Paróquia Nossa Senhora do Brasil. Parte da distribuição é gratuita. “Fiel Católico” é um apostolado da Igreja Católica Apostólica Romana sediado na cidade de São Paulo (SP), que tem por missão a catequese, a evangelização e o esclarecimento da fé a partir do estudo apologético da Teologia, da História e da Filosofia.

Colabore com este trabalho e receba as novas edições de “O Fiel Católico” em sua residência. Informe-se pelos tel.s: (11) 9 4966-5406 / 3569-1292 ou por e-mail: ofielcatolico@gmail.com

- Direção geral: Pe. Michelino Roberto • Editoração, diagramação, arte e projeto gráfico: Henrique Sebastião
- Tratamento de imagens: Henrique Sebastião • Textos desta edição: Igor Andrade de Maria; Vitor Erni Matias Figueiró, Felipe Marques, Henrique Sebastião • Revisão de texto e revisão geral: Silvana C. Sebastião da Silva
- Impressão: Paulo Gomes artes gráficas (11 9 6399-4474)

O GRANDE SÃO JOÃO BATISTA



A Igreja celebra tanto o seu nascimento (24 de junho) quanto o seu martírio (29 de agosto) em solenidades próprias

da do Messias. Visto que seu nascimento também é um milagre, João Batista não é apenas outro profeta que anuncia o Cristo, mas o último profeta que anuncia o Salvador, e convive com Ele.

Há 6 meses de distância entre o nascimento de São João Batista e o de Nosso Senhor Jesus Cristo. João é o Precursor; profeta ao mesmo tempo do Antigo Testamento e da Nova Aliança entre Deus e os homens; – essa conexão se dá através da seguinte realidade: seu pai, Zacarias, que era sacerdote, está no Templo, lugar do culto da antiga Aliança. Ali, onde ele oferta o sacrifício a Deus, recebe o anúncio angelico do nascimento de seu filho.

Tanto Zacarias quanto Isabel eram de idade avançada; além disso, Isabel era estéril. Devido à incredulidade no anúncio do Anjo, São Gabriel, Zacarias perdeu a voz, recuperando-a somente quando São João Batista nasceu. Santo Agostinho nos faz ver o quanto é significativo que o Batista, tido como a Voz que Clama no Deserto, ao nascer, dê também a voz de volta ao seu pai. Porque era importante que o Antigo testamento, que já havia então esvaziado seu conteúdo, se tornasse agora uma voz realmente, uma voz capaz de anunciar a chegada do Messias. Os Padres da Igreja traçam o seguinte paralelo: São João Batista é a voz, e Nosso Senhor Jesus Cristo é a Palavra. A Palavra é mais que a voz: João Batista é um veículo que transmite a Mensagem, e Jesus é a própria Mensagem.

No Evangelho segundo São João, – no versículo 30 do capítulo 3, – diz o Batista: “Convém que Ele cresça e eu diminua”. É necessário entender essa relação que São João tem com o Antigo Testamento, que deve diminuir, para que a Boa Nova cresça. O Antigo Testamento perde a voz, para que a Mensagem real, que é o próprio Cristo, seja entregue a todos.

Outro fato significativo é que de um útero estéril nasceu São João Batista. Do útero infrutífero de Isabel nasce o Anúncio da Vida. A alegria é

João Batista é a voz que nasce de um pai mudo e a alegria que brota num ventre estéril. O seu próprio nome (יְהוֹנָתָן – *Yôhanan*) é uma mensagem, a mensagem de alegria que esta voz irá anunciar: “Deus Dá a Graça”.

João Batista, ponte entre o Antigo e o Novo Testamento, está intrinsecamente ligado ao plano de salvação do Cristo, assim como os demais profetas que passaram pela Terra anunciando a vin-

fruto do amor, e só se alegra quem sabe que é amado. A alegria floresce de uma ação racional da alma inteligente, que recebe uma notícia, e essa notícia, por sua vez, tem um conteúdo que nos alerta para a realidade de que somos amados por Deus, – e esse conteúdo, esse alerta, é uma graça divina!

Vemos, pela vida de São João Batista, que não somos frutos do acaso; nós fomos pensados e acalentados pelo Pensamento divino, como está escrito em Isaías 49: “O SENHOR chamou-me antes de eu nascer; desde o ventre de minha mãe, Ele tinha meu nome”. Deus nos sonhou, e aqui está a fonte da verdadeira alegria: podemos dizer que temos a certeza de que desde o ventre de nossas mães fomos queridos, fomos amados e desejados.

Não é possível ir ao Novo Testamento sem passar pelo Antigo Testamento. É necessário passar pelo deserto para depois chegar à Fonte de Água da Vida; São João Batista é o novo Elias que combateu a idolatria, contra os anunciadores de Baal. Antes de destruir a idolatria externa, porém, é necessário destruir a idolatria interna. João vai para o deserto, se veste com pele de camelo e come gafanhotos com mel, demonstrando total despojamento de si mesmo, para que Deus possa falar verdadeiramente com ele e por ele; para que Cristo cresça e o Batista diminua.

Comparado ao grande profeta Elias pelo próprio Cristo (Mt 11,1-19), São João Batista, “o maior entre aqueles que nasceram de mulher”, é a represen-

tação pura do ascetismo cristão, o reflexo do despojo de si mesmo que culmina na Glória de Deus. Desde o ventre de sua mãe, foi agraciado com diversos dons, um deles motivo de reflexões referentes à saudação de Nossa Senhora para sua prima Isabel, porque muitos se perguntaram: como pôde uma criança em desenvolvimento, um feto de 6 meses estremecer de alegria ao ouvir a saudação da Mãe de Deus?

Em resposta, os escolásticos se dividem em dois grupos distintos:

- a) Aqueles que creem que essa alegria se deu pura e simplesmente devido um milagre de Deus, uma graça;
- b) Aqueles que creem que Deus, em sua imensa Glória, permitiu que aquele feto fizesse uso da razão de forma antecipada e então, diante da saudação de Maria Puríssima, sentisse alegria.

São, ambas, belíssimas posições, e nas duas vemos o Poder e a Glória de Deus que age em favor de seus pequeninos. Essa visão pode ser notada em toda a vida de João, que afirmou com grande convicção “Depois de mim vem Outro mais poderoso do que eu, ante o qual não sou digno de me prostrar para desatar-lhe a correia das sandálias” (Mc 1,7).

Felipe Marques
especial para O FIEL CATÓLICO

ASSINE A REVISTA “O FIEL CATÓLICO” E AJUDE-NOS A CONTINUAR EM ATIVIDADE!

Nosso apostolado tem por missão a catequese, a apologética e a evangelização dos povos. A revista “O Fiel Católico” traz, bimestralmente, estudos e artigos esclarecedores sobre Teologia, doutrina, a fé e a verdadeira espiritualidade católica apostólica romana. Você pode ajudar o nosso trabalho: solicite por e-mail informações sobre como assinar esta revista e recebê-la por um ano, no endereço de sua preferência, com toda a comodidade.

Apostolado Fiel Católico

ofielcatolico@gmail.com - (11) 3569-1292 / 9 4966-5406
Atualizações diárias no site: ofielcatolico.com.br

HISTÓRIA DA IGREJA

O IMPÉRIO ROMANO - II

Em nosso último estudo, vimos o ambiente no qual surgiu o cristianismo: o Império Romano influenciado pela cultura helênica, a chamada *pax augustana*, isto é, um momento de relativa paz e tranquilidade que facilitou o florescimento do cristianismo e tornou possível a sua expansão. Curiosamente, foi esse mesmo Império o primeiro grande adversário que o cristianismo precisou enfrentar.

No início, os primeiríssimos cristãos foram perseguidos pelos judeus, que os consideraram traidores e os excomungaram do judaísmo. A perseguição aos cristãos, entretanto, veio a adquirir relevância histórica somente quando passou a ser empreendida pelos imperadores romanos. Esta se encerrou no ano 313, quando Constantino se tornou o primeiro imperador cristão e assinou o Édito de Milão.

Durante o século I, foi notória a perseguição do imperador Nero, que governou de 54 a 68. De moral perversa, Nero não era amado pelo povo. No ano 64, houve o grande incêndio de Roma, e certos historiadores, entre os quais Suetônio, afirmaram que o fogo fora ateadado por Nero. Outros, como Tácito, não corroboraram essa informação. De todo modo, para se justificar, Nero acusou os cristãos da autoria do incêndio, passando a persegui-los sistematicamente, o que culminou com o martírio dos Apóstolos Pedro e Paulo, em Roma, o que se comprova historicamente nos relatos da época. Assim, pode-se afirmar com certeza que as Basílicas de São Pedro e de São Paulo, na “Cidade Eterna”, foram erigidas nos locais onde os “pilares da Igreja” foram sepultados.

Nero mandou construir um circo fora da cidade de Roma, do outro lado do rio, no sopé da Colina Vaticano. Tudo indica que foi nesse circo que se deu o martírio de S. Pedro. No centro desse circo, Nero mandou levantar um obelisco, pedra monolítica de granito rosado, trazida de Heliópolis, Egito. Este mesmo obelisco, que testemunhou o martírio de S. Pedro, encontra-se hoje no centro da Praça de São Pedro, que foi sepultado na via Aurélia, onde havia uma necrópole. Os cristãos mandaram fazer um ornamento para o túmulo, o qual ganhou o nome “Troféu de Gaio”. Esse enfeite foi encontrado na década de 1950 em escavações solicitadas pelo Papa Pio XII, as quais comprovaram também que S. Paulo foi sepultado realmente na Via Ostiense.

A perseguição durou cerca de três séculos, em intensidades diferentes. Num primeiro momento, foi dirigida aos líderes dos cristãos, depois a todos os leigos (após a ordem do imperador Septímio Severo, o qual decretou que todos os cristãos do império romano deveriam render culto e oferecer sacrifícios ao novo ídolo, o imperador). – O povo romano realmente acreditava que havia algo de divino no imperador, pois ele havia conseguido trazer a paz ao povo sofrido. Assim, ao se recusar a cultuar o imperador, os cristãos foram tomados como maus e transgressores, tornando-se malquistos pela população. Dessa realidade, as perseguições em Lyon são exemplo: a perseguição da parte das autoridades foi precedida pelas ações do próprio povo, que vinha linchando cristãos.

Rejeitando o culto aos deuses, os cristãos pareciam “ateus”. Contudo, de acordo com o que relata Tácito, “Cresto” (Cristo) foi apenas um marginal condenado à morte na época do procurador Pilatos, na Judeia. Cristãos, para os romanos, eram os fanáticos seguidores de um marginal.

Além de tudo, os cristãos foram acusados de realizar sacrifícios humanos envolvendo crianças, pelo fato de afirmarem se alimentar da carne e beber do sangue do Filho de Deus. Os boatos diziam que os cristãos passavam uma criança numa espécie de farinha, depois a imolavam e comiam. Eram acusados também de relações sexuais incestuosas, por chamarem-se uns aos outros “irmãos”. Todas essas calúnias colaboraram para tornar o cristianismo muito impopular.

Com o decreto de Septímio para que todos prestassem culto ao imperador, a perseguição dos cristãos tornou-se muito mais violenta. No ano 250, houve a grande perseguição de Décio, e em 300 a de Deocleciano. A primeira foi na época de Orígenes, autor da famosa frase: “Diante de uma tentação, o cristão sai mártir ou idólatra”.

Não há estimativa exata de quantos cristãos morreram nas perseguições até que Constantino liberasse o seu culto. Existem cerca de mil mártires com história e local de sepultamento confirmados e conhecidos.



Nero (37 – 68dC),
Glyptoteca, Munique

- LENZENWEGER, Josef et. Al. História da Igreja Católica, São Paulo: Loyola 2006.
- Vídeo-aula / Pe. Paulo Ricardo de Azevedo Jr., Curso História da Igreja Antiga: a perseguição aos cristãos e o imperador Constantino.



A ORAÇÃO INFALÍVEL

Que garantia podemos ter de que Deus vai ouvir às nossas súplicas? Que a perseverança na oração é importante já sabemos, porque os Evangelhos insistem nisso. Lucas narra a parábola do vizinho inoportuno, que bate à porta em plena noite para pedir pães. Tanto insiste que o outro, para se ver livre dele, acaba por atendê-lo (Lc 11,5-8).

No Evangelho de Mateus (15) encontramos a mulher cananeia que pede e insiste até ser atendida, chegando a se comparar aos cães que se alimentam das migalhas que caem da mesa dos donos.

Tais passagens mostram não só a importância de nos aproximarmos de Deus, mas de persistirmos nos pedidos. Precisamos, entretanto, eliminar a ideia de que a perseverança é necessária para “dobrar o Coração de Deus”. Não se trata disso. Ao contrário, precisamos persistir e insistir porque o *nosso coração* é que não se dobra com facilidade.

Neste estudo, examinaremos as características da oração infalível, isto é, como rezar tendo certeza de que seremos atendidos. Em determinadas situações, não adianta ficar como que “dando murro em ponta de faca”, como se diz popularmente. Insistir do jeito errado é persistir num engano. Existem fundamentos, características próprias que tornam uma oração infalível, que foram dadas pela Graça a todo aquele que crê.

Estamos diante de algo que as pessoas sempre procuraram, talvez mais do que a própria salvação de suas almas, – o que é lamentável. – Assim como Esaú trocou a benção paterna e divina, com os direitos de filho herdeiro, por um prato de lentilhas (Gn 25,29-34), muitos preferem prazeres e posses materiais à vida eterna. Vemos anúncios de supostas “orações de poder” e “novenas milagrosas” de todo tipo. Em praticamente toda igreja encontramos folhetos com as mais variadas (algumas absurdas) devoções a santos “de causas impossíveis”, que

no imaginário popular seriam como que agentes infalíveis para dar tudo que pedirmos. Alguns contêm até ameaças àqueles que “quebrem a corrente”! Tais pessoas não imaginam como se afastam de Nosso Salvador, dando voltas em torno da Fonte ao invés de beber direto do inesgotável Rio de Água Viva. Pois foi Ele mesmo Quem nos prometeu que estaria conosco todos os dias, até o fim do mundo.

Já entre os ditos “evangélicos”, é comum o uso da passagem de João (13,13-14) como uma espécie de muleta verbal para toda e qualquer situação: em praticamente tudo o que dizem, acrescentam ao final da frase o complemento “em nome de Jesus”. A dona de casa diz que vai preparar o almoço de hoje “em nome de Jesus!”. O vendedor diz que vai cumprir sua meta mensal “em nome de Jesus!”. A filha diz que vai tirar um “A” “na prova de matemática” “em nome de Jesus!”... Qualquer afirmação, sobre qualquer assunto, é seguida de uma invocação ao nome do Senhor, mesmo que seja

uma fofoca sobre a vida do vizinho, por exemplo, e até para contar ou rir de uma piada, muitos deles finalizam com um inevitável e impensado “em nome de Jesus”. Foi filmado e noticiado, há alguns anos, que até os deputados corruptos da “bancada evangélica” andaram agradecendo pela roubalheira “em nome de Jesus!”...

Interessante é que, agindo assim, não percebem que desobedecem ao Segundo Mandamento: “Não tomareis o Santo Nome do SENHOR, vosso Deus, em vão”. – O Nome de Deus não é amuleto para ser usado como garantia de sucesso em tudo o que se faz, como se Ele fosse atender a todos os nossos caprichos só por pronunciarmos o seu Nome.

Existe, porém, como dissemos, uma oração que é sempre infalível. – Deixando de lado as interpretações equivocadas das Sagradas Escrituras, é importantíssimo saber que existe, sim, um jeito de pedir a Deus infalivelmente. O Santo Evangelho mesmo nos dá esta garantia. Em Mateus (7,7-8), o Cristo diz: “Pedi e se vos dará, buscai e achareis, batei e vos será aberto...”, e, um pouco mais adiante, reafirma: “Tudo o que pedirdes com fé, na oração, vós o alcançareis”. – No seu discurso de despedida, no Evangelho de João, Jesus volta a insistir: “Tudo o que pedirdes ao Pai, em meu Nome, vo-lo farei, para que o Pai seja glorificado no Filho. Tudo o que pedirdes em meu Nome, vo-lo darei” (14,13-14). E mais uma vez: “Se permanecerdes em Mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito” (Jo 15,7).

Diz ainda mais o Salvador: “Naquele dia não me perguntareis mais coisa alguma. Em verdade, em verdade vos digo: o que pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo dará. (...) Pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja perfeita” (Jo 16,23-24).

Nosso Senhor promete, garante que realmente existe uma infalibilidade para a oração do cristão que tem fé. Por outro lado, Tiago Apóstolo diz em sua Epístola: “Pedis e não recebeis, porque pedis mal...” (Tg 4,3). Por quê isto?

O grande problema é que, se por um lado temos uma evidência de fé, registrada nas Sagradas Escrituras, por outro temos a refutação que vem dos simples fatos. Ora, é inegável que muitas vezes pedimos e não recebemos, procuramos e não encontramos, batemos à porta e ela não se abre. Fica então evidente que há um modo certo de pedir; que se soubermos pedir, se conhecermos a forma da “oração infalível”, então seremos sempre atendidos.

A FÓRMULA DA ORAÇÃO INFALÍVEL: AS QUATRO EXIGÊNCIAS

Sendo assim, como é que podemos ter essa garantia, dada pelo próprio Senhor, de que nossa oração será infalivelmente atendida, afinal? Muitos católicos não sabem que Santo Tomás de Aquino já desvendou e esclareceu bem essa pergunta, na segunda seção da segunda parte da Suma Teológica (q. 83, art. 15), onde, num resumo precioso, diz o seguinte: “Quatro são as condições exigidas, simultaneamente, para que sempre se receba o que se pediu na oração”.

São, portanto, quatro exigências, quatro requisitos, quatro características da oração que é atendida sempre, e que precisam estar igualmente presentes em nossas súplicas para que sejam infalivelmente atendidas, conforme a Promessa de Nosso Senhor. – Se falta uma, não há esta

garantia divina. Quais são estas quatro exigências? Eis a lista desenvolvida por Santo Tomás:

1. **Que se peça para si;**
2. **Que se peçam coisas necessárias à salvação;**
3. **Que se peça piedosamente;**
4. **Que se peça com perseverança.**

O último item trata do que falamos no início e que consta do Evangelho de Lucas (11,5-8; 18,1-8): a perseverança. Ocorre, porém, que às vezes perseveramos em pedidos errados, e não somos atendidos. Por isso cada ponto da lista é importante. Cada um se liga ao outro, e juntos formam um conjunto coeso.

Assim, Santo Tomás diz que, em primeiro lugar, sua oração será atendida infalivelmente se você **pedir para si mesmo**. Esta exigência pode em princípio surpreender; alguns poderão ver aí uma aparência de egoísmo, tão contrário a tudo que Jesus pregou. Mas não se trata disso. Deus nos abençoa conforme a nossa disposição, entrega, desejo sincero e fé. Isto é, Deus quer derramar sua Graça sobre nós, e quer derramá-la abundantemente, mas é preciso que estejamos dispostos.

Quando pedimos pelo outro (e devemos fazê-lo), não temos a garantia de que a oração será atendida, porque Deus respeita a nossa liberdade. Nem sempre adianta rezar por uma pessoa que não está aberta ou disposta para receber a Graça. Podemos e devemos pedir pelo nosso próximo, e Deus pode nos atender por sua infinita Misericórdia. Mas esta não é uma oração infalível, porque a Graça depende, em parte, daquele que a recebe, e nós não podemos nos comprometer pelo outro, já que não podemos interferir na sua liberdade.

Mas, quando pedimos para nós mesmos, podemos nos comprometer, e assim estaremos inseridos em uma das condições necessárias para que sejamos atendidos infalivelmente conforme a Promessa de Nosso Senhor.

A segunda condição é que você precisa **pedir coisas necessárias à sua salvação**, o que por sua vez vai auxiliar na salvação dos outros. Se pedimos algo

como uma cura, o fim de uma dificuldade ou que uma dívida seja sanada, por exemplo, não temos necessariamente a garantia divina para estas orações, porque nada disso é intrinsecamente necessário à nossa salvação.

Deus pode nos atender, – e sabemos o quanto nos atende, – se pedirmos com fé mesmo algo que não se enquadre nesta segunda exigência. Mas nós só podemos ter a *plena certeza* de que seremos atendidos quando pedimos coisas necessárias à salvação de nossas almas.

Assim, por exemplo, você pode pedir pelas virtudes; por uma graça que fortaleça o seu espírito para seguir Jesus; pode pedir por fortaleza ou prudência para não cair em pecado; pode pedir a graça de não morrer em pecado grave; pode pedir a libertação de determinada tentação... Coisas como essas, quem pedir receberá infalivelmente, desde que o pedido se enquadre também nas outras três condições.

A terceira condição é **pedir piedosamente**. O que é uma oração piedosa? Em primeiro lugar, é uma oração humilde. A Epístola de Tiago cita um versículo do Livro dos Provérbios, onde está escrito: “Deus resiste aos soberbos mas dá sua Graça aos humildes (Tg 4,6 cit. Pr 3,34)”.

A oração piedosa é *humilde*; é aquela em que você se põe diante de Deus suplicante, “como um mendigo”. Você não se apresenta diante do SENHOR como alguém que está ali “exigindo os seus direitos” ou algo parecido, com arrogância e sem temor. É preciso saber reconhecer a sua incapacidade, e, ao mesmo tempo, o Poder e a Grandeza de DEUS.

Além disso, a oração piedosa é *feita com firme confiança*: “Peça com fé, sem nenhuma vacilação, porque o homem que vacila assemelha-se à onda do mar, levantada pelo vento e agitada de um lado para o outro. Não pense, portanto, tal homem que alcançará alguma coisa do SENHOR, pois é um homem irresoluto, inconstante em todo o seu proceder. Mas que os irmãos humildes se gloriem de sua elevação” (Tg 1,6-9).

A oração piedosa é, portanto, confiante. Interessante notar, neste ponto, que o próprio Senhor Jesus Cristo, por diversas vezes, antes de conceder alguma graça, perguntava antes a quem lhe pedia se confiava nEle, como vemos na passagem de Mateus: “E, partindo Jesus dali, seguiram-no dois cegos, clamando, e dizendo: ‘Tem compaixão de nós, filho de Davi!’”. E,

quando chegou à casa, os cegos se aproximaram dele; e Jesus disse-lhes: ‘Credes vós que eu possa fazer isto?’; disseram-lhe eles: ‘Sim, Senhor!’. Tocou então os olhos deles, dizendo: ‘Seja-vos feito segundo a vossa fé’. E os olhos se lhes abriram” (Mt 9,27-30). – Os cegos confiaram e, por confiarem, foram atendidos. Pedir crendo, sem vacilação: eis aí a segunda exigência.

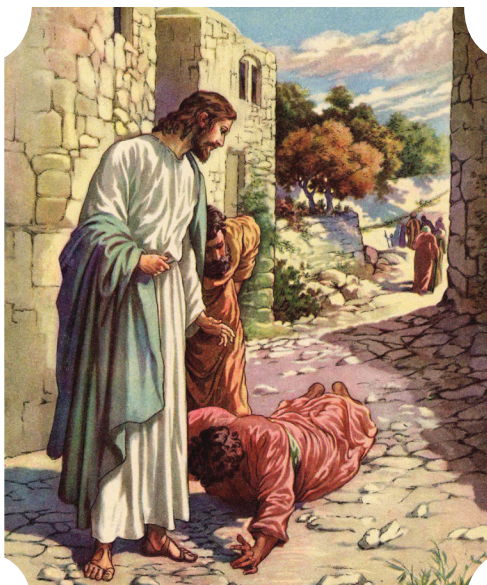
A terceira característica da oração piedosa é *pedir em Nome do Cristo*. Por isso as orações litúrgicas quase sempre se encerram igualmente: “Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho...” – Em Nome do Senhor, nossa oração é piedosa (a oração e não tudo que dizemos, pois não queremos tomar o Nome de Deus em vão).

Por fim, para que uma oração seja piedosa, precisa ser **feita com atenção**. Quando pedimos displicentemente, sem atenção ao que dizemos, há uma irreverência que não cabe quando nos dirigimos ao Criador.

Sobre a quarta e última exigência da oração infalível, a **perseverança**, falamos no início, no exemplo do vizinho inoportuno, da viúva e do juiz, da mulher cananeia... E podemos usar também o exemplo direto do próprio Jesus: o capítulo 6 do Evangelho de Lucas, por exemplo, narra como Jesus passou a noite orando a Deus Pai. No Horto das Oliveiras, antes de se entregar em Sacrifício, deu o exemplo de perseverança, cheio de angústia e pedindo com insistência. No Evangelho segundo Marcos, vemos como o Cristo rezava antes de Judas o trair:

“E, afastando-se de novo, orava dizendo novamente a mesma coisa...” (Mc 14, 39). O Deus feito homem insistia e persistia em sua súplica.

Temos, assim, quatro exigências, quatro características básicas da oração que é sempre infalível. Se a sua oração possuir estas quatro, será atendida. Não ponha a sua confiança em “orações de poder” ou “novenas infalíveis”, nem pense que a intercessão de algum santo de “causas impossíveis” vai fazer com que você receba o que pede. Sem essas quatro condições, seu pedido poderá ser atendido, sim, pela Misericórdia de Deus, que é infinita; mas a sua oração não se enquadrará na Promessa infalível de Nosso Senhor Jesus Cristo.



Homília do Pe. Paulo Ricardo de Azevedo Jr., dispon. em padrepauloricardo.org/episodios/29-domingo-do-tempo-comum-a-oracao-infalivel
Acesso 30/10/014

Informativo Paroquial



NOSSA SENHORA
DO

Brasil

:: Maio / Junho de 2015 ::

Programação Pastoral

Grupo Sementes do Espírito:

Segundas-feiras às 20h

Grupo de Oração Espírito Santo:

Quintas-feiras às 14h30

Plantão de Oração:

Terças-feiras às 15h (marcar previamente com o responsável dos grupos ou na secretaria paroquial).

Hora Santa com Exposição do Santíssimo:

Sextas-feiras às 11h

Grupo de Jovens Divino Coração:

Domingos às 18h.

Apostolado da Oração:

Santa Missa toda primeira sexta do mês às 18h.

Oração das Mil Aves-Maria:

Todo primeiro sábado do mês na Capela Nossa Senhora do Carmo.

Missa de Nossa Senhora de Schoenstatt:

Dia 21/5, quinta-feira, às 12h

Dia 18/6, quinta-feira, às 12h

Recolhimento feminino Opus Dei:

Dia 19/5 – “Maria: serenidade e alegria”

Dia 16/6 – “Santidade na vida cotidiana”

Expediente Paroquial

Secretaria:

Dias úteis: 8h30 às 19h/sábados: 8h30 às 14h

E-mail: nsbrasil@nossasenhorado brasil.com.br

Horários de Missa

Segundas-feiras: 8h, 9h, 12h05, 17h30 e 18h30

Terça a sexta-feira: 8h, 9h, 12h05, e 17h30

Sábados: 8h, 9h, 12 e 16h

Domingos: 8h, 10h, 11h15, 12h30, 17h, 18h30 e 20h

Confissões

Segundas, das 10h às 17h; sextas, das 10h às 12h; domingos, antes e durante as Missas (pode-se marcar hora para Confissão/direção espiritual)

Batismo

Curso preparatório ao Batismo para pais e padrinhos, dias 17/5 e 14/6). Informações sobre as inscrições na secretaria; trazer uma lata de leite para ser doada para instituições de caridade, e documentação. Confira no site [www.nossasenhorado brasil.com.br/pastoral-do-batismo] a lista de documentos.

Horários e dias para Batismo

Sábados, 13 e 15h (individuais); domingos, 9h, 13h30 e 15h30 (individuais) e 14h30 (coletivo). Batismos individuais devem ser marcados antecipadamente.

Matrimônio / Curso de Noivos

Inform. sobre procedimentos, datas e horários devem ser solicitados pessoalmente na secretaria paroquial.

:: PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO BRASIL ::

Pça N. S^a do Brasil, s/n^a - Jd Paulista - CEP.: 01438-060 - São Paulo - SP

INFORMATIVO N. S^a DO BRASIL
ANO 6 • ED. 37 • MAI/JUN 2015

Bimestral • Dist. gratuita • Tir. 2500 exemplares

- Responsável: Pe. João Bechara Ventura
- Projeto editorial: Henrique Sebastião



(11) 3082-9786



www.nossasenhorado brasil.com.br



facebook.com/nossasenhorado brasil



twitter.com/nsbrasil



Baixe o app
para iPhone
NSradoBrasil



O que mudará com o Sínodo da Família?

Por Valdir Reginato • Pastoral da Família

ESTAMOS NESTE ANO de 2015 nos preparando para o Sínodo da Família a ser realizado em outubro por solicitação do Papa Francisco. Há uma grande expectativa sobre os resultados deste encontro, principalmente diante do carisma do Papa, que tem cativado o mundo e levado esperança para novos horizontes de reflexão sobre temas polêmicos e candentes da atualidade.

Não surpreende a ninguém alguns destes temas que ocupam espaço privilegiado na mídia, por tratar-se de especulações sobre a possível e eventual quebra de “tabus seculares” da Igreja, como os casos de uniões homossexuais, o aborto, a resposta aos casais divorciados em segundas uniões quanto a receber a Eucaristia. No entanto, apesar das várias cogitações publicadas a respeito das opiniões de alguns bispos nas reuniões de preparação para o Sínodo, nada foi mencionado oficialmente que promovesse qualquer mudança no que existe desde sempre, ou seja, desde o tempo de Cristo. Inclusive o Papa posicionou-se, muito mais, como participante ouvinte.

Recentemente, as expectativas de mudanças receberam uma resposta desconcertante aos promotores desta pressão por uma “renovação da Igreja”, quem sabe atualizando-a aos novos tempos. O fato foi a negativa reiterada pelo Papa, pessoalmente, diante do indicado embaixador pela presidência da França, ao cargo no Vaticano, em virtude de sua declarada posição em relação ao seu comportamento homossexual assumido, apesar de se afirmar católico convicto.

A observação destes fatos leva-nos a verificar que a promoção da 14ª Assembleia Geral ordinária do Sínodo dos Bispos, prevista para 4 a 25 de outubro de 2015, com o tema “A vocação e a missão da família na Igreja, no mundo contemporâneo”, deve ocupar-se de uma profunda reflexão quanto à valorização dos princípios estabelecidos da família. Avaliar como a família, constituída pela união livre, fiel e definitiva, de um homem e uma mulher, aberta aos filhos, com os compromissos estabelecidos pelo Sacramento do Matrimônio, deve conscientizar da responsabilidade de sua missão no mundo contemporâneo, enquanto instrumento de difusão da boa nova de Cristo para o mundo, a partir da “igreja doméstica” que é, conforme nos afirma São João Paulo II.

“Guardar o depósito da fé é a missão que o Senhor confiou à sua Igreja e que ela cumpre em todos os tempos.” (Catecismo da Igreja Católica, Introdução). A Igreja, enquanto zeladora, e não proprietária, do legado deixado por Jesus Cristo, não pode alterar as raízes dos Mandamentos da Palavra de Deus. Assim tem sido por dois mil anos, sempre orientada à luz

do Espírito Santo, o Paráclito, enviado para acolher a todos os de boa vontade, os que aceitam a Mensagem de Cristo como Palavra de Salvação; para proteger e conservar a Igreja.

Ao longo dos séculos, não é esta a primeira oportunidade em que Igreja passa por dificuldades apresentadas pelos homens no desejo de “atualizar” o Cristianismo à realidade dos tempos. As discussões sobre a dúvida quanto Divindade de Jesus Cristo e a concepção com virginal de Nossa Senhora são exemplos de tempos difíceis da Igreja, nos quais nunca deixou de existir a assistência do Espírito Santo na luz do caminho correto. Mais recentemente, em pleno século XX, a encíclica *Humanae Vitae* do Beato Paulo VI, duramente criticada como um “atraso”, fruto da visão conservadora da Igreja diante da nova realidade feminista que se instalava nos anos 1960, demonstrou-se profética em suas declarações quanto ao tempo presente, no que resultou em prejuízo da mulher e, conseqüentemente, das famílias.

As palavras de Cristo revelam uma mensagem para a eternidade, que não requer “atualizações”, mas apresentam a Verdade e o Caminho (Jo 14,6), para a vida de todos os homens em todos os tempos. Encontrar a maneira mais adequada a inserir-se no contexto dos novos tempos, como “fermento na massa” (Mt 13,33), não significa adulterar os princípios. A vida cotidiana que apresenta novos elementos a todo instante, em diferentes áreas da cultura e da ciência, oportunidades profissionais, dinâmicas de convivência e horizontes sem limites, carregam em si a transitoriedade que pode ser mais ou menos efêmera. Assim, a santidade encontra o desafio de conviver neste contexto, levando o Evangelho a toda criatura (Mc 16,15) sem abandonar a fidelidade aos parâmetros da eternidade das palavras de Cristo (Jo 6,68).

Devemos, enquanto membros desta Igreja, permanecer em oração constante como os primeiros cristãos (At 4,23-31), para que este Sínodo seja um encontro onde se confirme a Mensagem de Jesus Cristo voltada às famílias. Muito nos tem falado o Papa Francisco da misericórdia e do perdão. São duas atitudes que revelam o Amor infinito do Pai misericordioso, que alimenta a esperança dos homens; e a condição do perdão, que oferece a todos a oportunidade de recomeçar mediante o Sacramento da Penitência ou Reconciliação. Portanto, rezemos particularmente, sem cessar, pelo Papa Francisco (At 12,5); e que nossa Mãe Santíssima, cujo mês de maio nós celebramos de modo especial e mais carinhoso mediante o Rosário e a Romaria, mantenha-se como canal de abundantes graças aos bispos e cardeais em união com Pedro, no Sínodo de outubro deste ano.



SALVE RAINHA, MÃE DA MISERICÓRDIA

NESTE ANO O PAPA Francisco proclama para o mundo o “Jubileu Extraordinário da Misericórdia de Deus”, como tempo favorável para que a Igreja volte a redescobrir em Cristo o Rosto da Misericórdia do Pai.

Na “Plenitude do Tempo” (Gl 4,4), Deus, num ato de extremo amor, mandou o Seu Filho, nascido da Virgem Maria, para nos revelar de modo definitivo a Sua misericórdia pela humanidade.

“Minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador porque olhou para a humildade de sua serva!”, cantou Maria, plena do Espírito Santo, ciente da sua pequenez diante da grandeza e onipotência do Senhor que a escolhia para ser a mãe do Salvador.

Com o seu “*fiat*” (faça-se) tornou-se o caminho por onde se cumpriu o plano de salvação para a humanidade, sendo corredentora com Cristo. Pelo Mistério da Encarnação do Verbo, o Rosto da Misericórdia do Pai foi apresentado ao mundo: “Aquele que me vê, vê o Pai” (Jo 14,9). Jesus com sua vida, seus

gestos, seus atos, nos revela a misericórdia do Pai. É, pois, chegada a hora de contemplarmos o mistério da misericórdia de Deus e descobrirmos a alegria, serenidade e paz que dela emana.

Ele não se compraz com a morte do pecador, mas se alegra com sua conversão e que ele tenha vida (Ez 33,11); e “se alegra em ter misericórdia” (Mq 7,18).

Nas três parábolas da misericórdia (da ovelha extraviada, do filho pródigo e da dracma perdida) Jesus nos revela a alegria do Pai sobretudo quando perdoa. Nelas encontramos o núcleo do Evangelho e da nossa fé, porque a misericórdia é apresentada como a força que tudo vence, enche o coração de amor e consola com o perdão (*‘Misericordiae Vultus’*).

Deus é amor e eterna é Sua misericórdia, canta o refrão do Salmo 136. Neste tempo somos chamados a sermos ministros desta misericórdia para o irmão e nos tornarmos o sinal eficaz desta graça que o Senhor quer derramar sobre o mundo! – Diz o nosso Papa em

sua bula “*Misericordiae Vultus*”:

“Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade.

Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada um que vê com olhos sinceros o irmão que encontra pelo caminho.

Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar dos nossos pecados.” (MV 2)

“Felizes os misericordiosos porque alcançarão misericórdia!” (Mt 5,7)

Peçamos à Mãe de Deus, com a oração da “Salve Rainha”, que volte para nós os seus olhos misericordiosos e nos faça dignos de contemplar o Rosto da Misericórdia do Seu Filho Jesus!

Faça uma experiência e participe conosco do Grupo de Oração Espírito Santo! Toda 5ª feira às 14h30 hs no salão paroquial

Proclamas de Casamento

2/MAI – Thiago Rocha Protta e Helen Mara Lucarelo Gomes; Leonardo Correa Chaves e Keyla Junko Shinohara; Henrique Rossetto Rolim Pontes e Marcella Baldoni Suavassa; Eduardo Augusto Correa de Castilho e Anna Carolina de Freitas Coelho. | 8/MAI – Alberto Meyer e Fernanda Prestes Kujawski. | 9/MAI – Maurício Leme do Prado e Maria Renata do Nascimento Malheiro; Raphael Augusto Vicentin e Ana Carolina Conegliano Bezerra; Vicente Sanchez Lazarin e Fernanda Castilho Aznar; André Rocon Dias e Luciana Bastos Valente Alban. | 14/MAI – Edward Bertram Gehma Weaver e Lisandrea Secati Weaver. | 15/MAI – Lucas Roriz Mendes Domenici e Bruna do Amaral Silva. | 16/MAI – Diego Ribeiro Tavares da Silva e Julia Bellini e Ávila; Thiago Bittencourt Belluzzo e Ana Carolina Rocha Gualberto; Nilton de Assis Paulo Junior e Pamella Nahiara de Araújo Barsotti. | 22/MAI – Daniel Cordeiro Tassin e Nalim Sinnes Orsetti; André Luiz Prieto e Fernanda Melo Matumoto. | 23/MAI – Caio Cesar Correia da Silva e Jessica Caroline Zucoli; Antônio Henrique Melo Heringer e Luciane Cuomo Galera; Daniel Alves Dias Caetano de Lima e Daphene Storopoli Tzortis; Fernando David Garcia Spinadi e Luciana Fonseca Almeida. | 28/MAI – Diego Cunha Silveira e Bruna Sarkis Unzueto. | 29/MAI – Flavio Calil Calixto Filho e Aline Cristina Pereira Batista Lacerda. | 30/MAI – Luis Felipe Ortiz Jafet e Maria Carolina Cutolo Velloso; Lucas de Oliveira Ferreira e Lívia Sayuri Aliyama; Marcelo Sanches Mencoloni e Bianca Cury Samaha.

3/JUN – Maikon Azevedo de Freitas e Cristiana Fernandes Gurgel. | 5/JUN – Luiz Carlos Aumada e Giselle Araújo Freitas; Willian Souza Ferreira e Juliana Renata Batista do Nascimento. | 6/JUN – Fernando Carelli Galvão e Stephanie Louize Luizari Stabile; Antonio Padron Neto e Paula Migliori Rodrigues da Rocha; Guilherme Latessa de Carvalho e Carolina Silveira de Almeida; Victor de Albuquerque Teixeira da Silva e Bianca Barchetta de Nápoles. | 12/JUN – Michael Carlos Haupt e Carolina Patera Pereira. | 13/JUN – Fabio Tadeu Lemos Wojciuk e Bruna Mello Wojciuk; Roberto de Brito Pinheiro e Gabriela Lucin Bosso; | Fabricio Rodrigues Bevilacqua e Dennyse Marcelle Wado Perlotti; Augusto César Arcuri de Araujo e Evelise Rodrigues de Azevedo; Marcelo Maciel Chinini e Andrea Britto Burattini. | 19/JUN – Alexandre Simões Neves e Cecília Jardim; Bruno Cervantes Gornati e Fernanda Ribeiro de Souza. | 20/JUN – José Renato Henrique Santos e Jasmine Brihy; Eduardo Yudi Hirooka e Vanessa Monteiro Coelho; Cleber Michel da Silva e Bruna Loureiro Nardotto; Rafael Burquim e Débora Cunha Agonilha; Bruno Svizzero Cabello e Gabriela Mazeto Manzan. | 26/JUN – Bruno Damas Ferreira e Vanessa Brito Santos. | 27/JUN – Fernando Negrão Rama e Tatiana Roberta Lossávoro; Rafael Eigi Hoshino e Juliana Lika Narahara; Paulo Vinícius Leão Matias e Catharine Riachid Modesto; José Lucarelli e Marcela Fofanoff Dagir; José Henrique Santos Ianni Assumpção e Danielle Saucedo Domingues; Carlos Roberto da Cruz Junior e Aline Dibacco Muller; Ivan Araújo Bonfanti e Leda Licciardi Castilho Ferreira.

Indicação de leitura



TRATADO DA VERDADEIRA DEVOÇÃO À SANTÍSSIMA VIRGEM MARIA

São Luís Maria Grignion de Montfort (1673–1716)

- Editora Vozes
- 320 pág.s

Tratado promulgado pelo Papa Pio IX em 1853, e aprovado por muitos outros papas, que inclusive concederam indulgências a quem se consagrasse a Nossa Senhora pelo método de

Grignion de Montfort. Dentre eles, talvez o mais conhecido seja São João Paulo II, que conheceu o Tratado em sua infância e particularmente consagrou-se a Maria Santíssima.

- À disposição na loja da Paróquia N. S^a do Brasil

Dizimistas aniversariantes



MAIO

MariaTereza Zancheta Meira
Maria Célia Ribeiro Vairo
Tarcísio Barroso
Agnes Bigatto
Mara Strambi Guimarães
Reinaldo Conrad

JUNHO

Marilu Giugni

POR QUE A IDEOLOGIA DE LUTA DE CLASSES É ANTICRISTÃ



Luta de classes; um conceito muito difundido, talvez banalizado, mas inegavelmente popular, mesmo que subjetivamente. É comum que seja assim, não só com este, mas com vários outros conceitos, que ganham conotações diferentes, como uma palavra que ganha diferentes sentidos conforme os anos passam.

Mas não é disso que esse texto irá tratar: aqui veremos *como* tal conceito é altamente anticristão, e porquê. Não podemos iniciar um texto sobre luta de classes sem antes falar do termo anterior: a *ideologia*. Por ser um termo deveras espinhoso, explicarei rapidamente as duas definições possíveis, coligando-as de modo a facilitar o entendimento.

Primeiro, pode-se defini-la como um conjunto de ideias e doutrinas individuais ou de grupo, algo como uma subcultura; segundo, pode-se defini-la como meio de dominação por meio do convencimento. Arranjando os termos, temos uma subcultura ilusória. Russel Kirk (1918 - 1994) define a ideologia como a secularização da religião, com seus próprios santos, dogmas e rituais, prometendo um paraíso terrestre contanto que se siga sua sistemática doutrina; por tais características, ela atrapalha o juízo

humano, direcionando-o a um ponto, mascarando seus defeitos por meio de sofismas; e por manter tal fidelidade ao seu dogma, causa a divergência entre homens. Assim, a ideologia cria o caos.

Posto tal ponto, é possível falar da luta de classes. Tal conceito é cunhado por Karl Marx (1818 - 1883) para nomear o confronto entre “classes” de pessoas, definidas pelo seu “capital acumulado”: há a “burguesia” (dona dos meios de produção) e o “proletariado” (o trabalhador braçal). Para Marx, os trabalhadores estariam influenciados pela ideologia burguesa e, para fugir desta alienação, deveriam concorrer na luta ideológica, e então cunhar a revolução.

O próximo passo, então, é responder à pergunta essencial deste artigo: porque a ideologia de luta de classes, ou, porque a ideologia e a luta de classes são anticristãs?

Richard M. Weaver (1910-1963) nos diz que a harmonia entre nações que estão divididas em grupos maiores ou menores não depende da quimérica ideia de igualdade, mas de fraternidade, um conceito muito anterior e que está fortemente arraigado no sentimento dos homens. Não é difícil ver que tal ideia é perfeitamente aplicável, visto que a fraternidade demanda respeito e proteção, como em uma família, onde o irmão mais novo pode exigir que o irmão mais velho cumpra seu dever, através de uma rede de sentimentos. - Muito semelhante à famosa frase de Jesus, “amai-vos uns aos outros como eu vos amei”; em que amar não é concordar com tudo o que o próximo diz ou faz, pois não implica amar ações, aplica amar o indivíduo substantivamente; e isso não exige qualquer igualdade fora a substância. Ou seja, humano, e nada mais que isso.

Logo de início, vemos que o ensinamento de Cristo atrita com

Marx, mas, antes disto, há o atrito com a ideologia; o catolicismo é Religião, não secularização, e não quer ocultar a verdade, mas revelá-la, pregar a igualdade substantiva e não material, o amor fraterno e mútuo entre as pessoas humanas. Um pouco de leitura cristã mostra que o homem possui uma imperfeição intrínseca ao ser; pois, se fosse perfeito, seria Deus, o único Perfeito. Mas, por ser feito à imagem de Deus, ou seja, à imagem do Intelecto infinito, o homem possui intelecto, ou a virtude da razão, o que o diferencia dos animais. Por tais características, o homem pôde desenvolver a Filosofia para buscar a verdade. Por ser imperfeito, porém, o homem não pode conceber um sistema perfeito, e não pode conhecer todas as verdades. Mostrar verdades fundamentais e evitar erros é a função da Revelação, esta que é estudada e corroborada pela Teologia, com o auxílio da Filosofia: a união da ciência de Deus e a ciência do homem.

Querer por meio da ideologia oferecer um sistema que promete a verdade absoluta, pressuposta pela imperfeita razão humana, é em si automaticamente anticristão, com o agravante de causar atrito entre os homens, em oposição à fraternidade proposta pelo cristianismo. Postas as cartas na mesa, a luta de classes é essencialmente anticristã. Mais que tudo, o objetivo deste, além de explicar a divergência entre os termos de forma enxuta, é o convite à leitura. Há muitas ideologias no mundo, e há ideias que são consideradas como se fossem mas não são, outras mascaradas de cristianismo, outras não, outras que o apoiam, outras que querem destruí-lo.

Vitor Erni Matias Figueiró

O SACRAMENTO DA ORDEM



Na antiguidade, chamava-se *ordem* a um grupo de pessoas que tivessem determinada responsabilidade ou função em comum, ou que compartilhassem de uma determinada missão, como por exemplo a Ordem dos Juízes e as ordens de cavaleiros. “Ordem”, na linguagem civil romana, era um grupo de cidadãos que exerciam as mesmas funções, reconhecidas publicamente. A entrada de uma pessoa numa determinada ordem era chamada “ordenação”.

Na Igreja, desde os primeiros séculos, é costume chamar Ordem ao grupo dos ministros consagrados. Assim, desde os tempos antigos, encontramos nos seus documentos e livros litúrgicos as expressões “Ordem dos Bispos”, “Ordem dos Presbíteros”, “Ordem dos Diáconos”. Como um ministro da Igreja deve receber o Sacramento próprio para exercer o seu ministério, este Sacramento passou a ser chamado Sacramento da Ordem, – pelo qual aquele que tem a necessária vocação é inserido na Ordem dos Ministros Sagrados. A Igreja conservou o termo “ordem” porque, além de ser o costume, tinha respaldo na Tradição e nas Sagradas Escrituras: o próprio

Senhor Jesus é chamado “Sacerdote Eterno segundo a Ordem de Melquisedec” (Sl 110, 4; Hb 5, 6; 7, 11).

Ordem, portanto, é o nome do Sacramento; ordenação é a sua celebração, o rito litúrgico que insere na Ordem dos Bispos, Presbíteros ou Diáconos os escolhidos para o Ministério sagrado.

O que é um sacerdote?

Primeiro, é o dispensador do Amor de Deus aos homens. Que sagrada e maravilhosa missão! Evidentemente, o sacerdote é um homem comum, sujeito à fraqueza e ao erro. Este ser humano, porém, foi chamado especialmente por Deus a “separar-se” do mundo, consagrando sua vida inteira e todo o seu ser, – corpo, coração e alma, – ao exercício da doação de Deus aos homens por meio da Igreja.

O Sacerdote é também chamado padre, presbítero, ou, ainda, pontífice, palavra que deriva da somatória de “ponte” e “artífice” (título formalmente atribuído ao Papa). O padre é um construtor de pontes que ligam o Céu à Terra, os homens a Deus, o temporal ao Eterno, o pecado à Misericórdia Divina. É por meio dele que são administra-

dos todos os Sacramentos, já que o ministro da Ordem, o bispo, também é sacerdote.

Origens e autoridade: a Sucessão Apostólica

Quando o Cristo veio à Terra e edificou a sua Igreja, dentre seus discípulos elegeu doze homens; conferiu-lhes autoridade, poderes especiais e um ministério a cumprir: pastorear a Igreja. A expressão “sucessão apostólica” indica que os Apóstolos, conscientes de que não viveriam para sempre, e por vontade de Deus, elegeram sucessores, para que continuassem o seu ministério, com a mesma autoridade que receberam de Cristo. Estes elegeram seus próprios sucessores, que elegeram outros, e assim deverá continuar “até a consumação dos séculos” (Mt 28,20).

Somente pode ostentar autoridade Aquele que a tem por direito próprio (Deus) ou aquele a quem lhe for conferida. – Quando Cristo, que é Deus, nomeou os seus Apóstolos, lhes conferiu a autoridade:

“E quando já era dia, chamou a si os seus discípulos e escolheu doze deles (...). Convocando seus doze discípulos, deu-lhes autoridade e poder sobre todos os demônios e para curarem enfermidades.” (Lc 6,13-16. 9,1)

Os Apóstolos sempre souberam que a autoridade que possuíam não vinha deles mesmos, mas provinha do próprio Cristo, que lhes nomeou: “Embora pudéssemos impor nossa

autoridade por sermos Apóstolos de Cristo, nos mostramos amáveis convosco, como uma mãe cuida com carinho de seus filhos” (1Ts 2,6-7).

Assim como o Pai enviou Cristo, os Apóstolos foram enviados: “Jesus disse-lhes outra vez: ‘A paz esteja convosco. Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio’. Dito isto, assoprou sobre eles e lhes disse: ‘Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados, estes lhes serão perdoados; aqueles a quem os retiverdes, estes lhes serão retidos’” (Jo 20,21-23).

Os Apóstolos fundavam as igrejas (paróquias) e também estabeleciam as regras a serem observadas, ordenando com a sua autoridade: “Conforme iam passando pelas cidades, iam também entregando, para que observassem, as decisões tomadas pelos Apóstolos e presbíteros em Jerusalém” (At 16,4).

Nas epístolas paulinas, vemos comumente São Paulo enviando ordens à Igreja: “No demais, cada um viva como apontado pelo Senhor, cada um da forma como foi chamado por Deus. É o que ordeno em todas as igrejas” (1Cor 7,17).

O que diz o Catecismo

Nos parágrafos de 1590 a 1600, o Catecismo da Igreja Católica confirma o que dizem as Sagradas Escrituras (1Pd 2,9); que toda a Igreja constituída de um povo sacerdotal. Pelo Batismo e

Confirmação, todo cristão participa do Sacerdócio Único de Cristo: é o sacerdócio comum dos fiéis. Assim, cada fiel participa na obra da salvação do mundo, como evangelizador, testemunha; com seu sacrifício, oração, participação na Liturgia.

Desde o tempo dos Apóstolos, porém, destaca-se de modo especial, do meio deste povo sacerdotal, o Sacerdócio Ministerial: são os ministros ordenados, que santificam e dirigem o povo de Deus. E desde as suas origens, a Igreja confere o Ministério da Ordem em três graus: Episcopado (bispos), Presbiterato (presbíteros, os padres) e Diaconato (diáconos). São ministérios insubstituíveis, com origem nos Apóstolos e preparados por Deus. Sem estes, não há Igreja em plenitude.

O bispo, pela ordenação, é ligado à Igreja diocesana e inserido no Colégio episcopal (bispos do mundo inteiro), em comunhão com o Sucessor de Pedro, o papa. Os padres são unidos ao bispo e seus cooperadores. O bispo não age só, mas unido aos presbíteros, que por sua vez não são independentes do bispo: a Igreja existe em Comunhão, à imagem da Trindade Santa. – Os diáconos não formam colégio nem são ordenados; participam do sacerdócio comum, mas pelo Sacramento da Ordem são constituídos auxiliares do bispo e exercem funções importantes no ministério da Palavra e no culto divino.

O Sacramento da Ordem é conferido pela imposição das mãos do bispo, seguida da oração consecratória, que é a súplica da Igreja ao Pai para que derrame sobre o eleito o Espírito do Cristo Ressuscitado. Marcado pelo Espírito Santo para sempre, o ordenado recebe a graça de agir na Pessoa de Cristo. Este Sacramento não pode ser repetido. Não é privilégio nem honra, nem direito: é Graça de Deus para o serviço do seu povo.

O celibato sacerdotal

Jesus Cristo, o verdadeiro e excelente Sacerdote, foi celibatário; a Igreja vê n'Ele o modelo do verdadeiro sacerdote que, pelo celibato, se conforma ao grande Sacerdote. Jesus aprova e recomenda ao celibato aos sacerdotes, dizendo: "Há eunucos que o são desde o ventre de suas mães, há eunucos tornados tais pelas mãos dos homens e há os que a si mesmos se fizeram eunucos por amor do Reino dos Céus. Quem puder compreender, compreenda" (Mt 19,12).

Assim, Cristo aprova que os sacerdotes assumam o celibato, como Ele fez, "por amor ao Reino de Deus". O sacerdote deve estar livre dos encargos de manter uma família, educar filhos, trabalhar para manter o lar; podendo assim dedicar-se totalmente ao Reino de Deus. Assim, desde o Concílio de Elvira (Espanha, ano 306), o celibato se estendeu por todo o Ocidente, até que em 1123 o Concílio universal de Latrão I o tornou obrigatório.

É preciso dizer que a Igreja não impõe o celibato a ninguém; ele deve ser assumido livremente e com alegria por aqueles que têm essa vocação especial de se entregar totalmente ao serviço de Deus. É uma graça especial que o SENHOR concede aos chamados ao sacerdócio e à vida religiosa. Assim, o celibato é um sinal claro da verdadeira vocação sacerdotal.

Controvérsias - No início do cristianismo, a perfeição do celibato sacerdotal ainda não era possível. Por isso, S. Paulo escreve a Timóteo, que ele havia posto como bispo em Éfeso, e diz: "O epíscopo ou presbítero deve ser esposo de uma só mulher" (1Tm 3, 2). Estaria, então, o padre obrigado a se casar? Não. O santo Apóstolo tinha em vista uma comunidade situada em Éfeso, cujos membros se converteram em idade adulta, muitos deles já casados. Dentre estes, o Apóstolo deseja que sejam escolhidos para o sacerdócio homens casados, evitando os viúvos recasados. Já no ano 56, o mesmo S. Paulo, que optou ele próprio pelo celibato, escrevia aos fiéis de Corinto enfatizando o valor do celibato: "Aos solteiros e às viúvas digo que lhes é bom se permanecerem como eu. Mas se não podem guardar a continência, que se casem (...). Não estás ligado a uma mulher? Não procures mulher" (cf. 1Cor 7,25-31). S. Paulo se refere às preocupações ligadas ao casamento, e enfatiza:

"Quem não tem esposa, cuida das coisas do SENHOR e do modo de agradar à esposa, e fica dividido. Da mesma forma a mulher não



casada e a virgem cuidam das coisas do SENHOR, a fim de serem santas de corpo e de espírito. Mas a mulher casada cuida das coisas do mundo; procura como agradar ao marido. Procede bem aquele que casa sua virgem; aquele que não a casa, procede melhor ainda." (1Cor 7, 38)

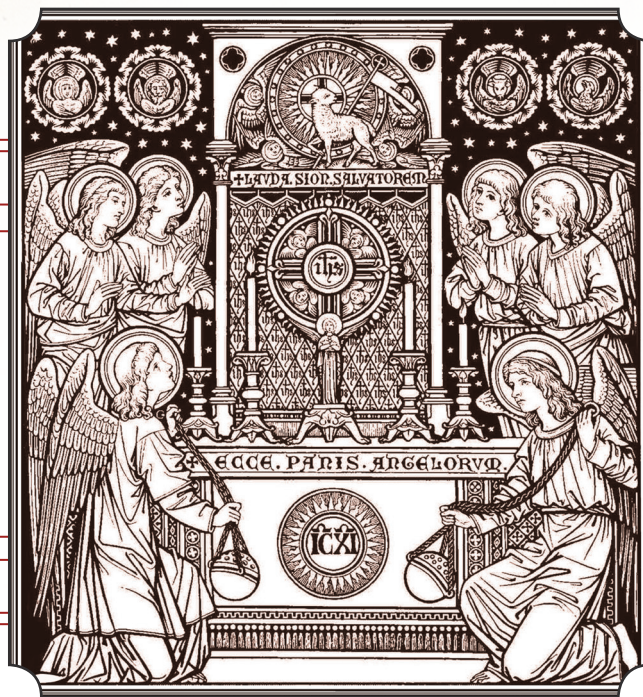
A virgindade consagrada e o celibato não tinham valor nem para o judeu nem para o pagão. Eles brotam da consciência do Reino de Deus trazida por Jesus Cristo.

O último Sínodo dos Bispos sobre a Eucaristia confirmou o celibato, e Bento XVI o expressou na Exortação Apostólica "*Sacramentum Caritatis*", do ano 2007 (n.24).

Ghandi, o grande líder pacifista hindu, disse: "Eu penso que é exatamente graças ao celibato dos seus sacerdotes que a Igreja Católica romana continua sempre vigorosa." (Tomás Tochi, Gandhi, mensagem para hoje, Ed. Mundo 3, SP, pp. 105ss,1974).

Querem alguns culpar o celibato pelos erros de uma minoria de padres que se desviam. A queda desses padres não é por culpa do celibato, e sim por falta de vocação, formação adequada, oração, zelo apostólico, mortificação. Tanto é assim que a maioria dos padres vive a castidade, e têm uma vida longa.

Peçamos então a Deus por sacerdotes dignos e santos, e agradeçamos pelos muitos que já temos.



✠ ADORO-TE DEVOTE ✠

Este belíssimo hino composto por Santo Tomás de Aquino em honra a Jesus Sacramentado, a pedido do Papa Urbano IV para Festa de Corpus Christi (instituída no ano 1264), pode ser recitado diante de Nosso Senhor, que no Sacrário se faz “Divino Prisioneiro por amor a nós”

Adoro-Vos com devoção, Deus escondido, que sob estas aparências estais presente. A Vós se submete meu coração por inteiro, e ao contemplar-Vos se rende totalmente.

A vista, o tato, o gosto sobre Vós se enganam, mas basta o ouvido para crer com firmeza. Creio em tudo o que disse o Filho de Deus; nada mais verdadeiro que esta palavra de verdade.

Na Cruz estava oculta a divindade, mas aqui se esconde também a humanidade; creio, porém, e confesso uma e outra, e peço o que pediu o ladrão arrependido.

Não vejo as chagas, como Tomé as viu, mas confesso que sois o meu Deus. Fazei que eu creia mais e mais em Vós; que em Vós espere, que Vos ame.

Ó memorial da morte do Senhor! Ó Pão vivo que dais a vida ao homem! Que a minha alma sempre de Vós viva, que sempre lhe seja doce o vosso sabor.

Bom Pelicano, Senhor Jesus! Limpai-me a mim, imundo, com o vosso Sangue, Sangue do qual uma só gota pode salvar do pecado o mundo inteiro.

Jesus, a Quem agora contemplo escondido, rogo-Vos se cumpra o que tanto desejo: que ao contemplar-vos face a Face, seja eu feliz vendo vossa Glória. Amém!

Adoro te devote, latens Deitas, / Quae sub his figuris vere latitas: / Tibi se cor meum totum subiicit, / Quia te contemplans totum deficit.

Visus, tactus, gustus in te fallitur, / Sed auditu solo tuto creditur. / Credo quidquid dixit Dei Filius: / Nil hoc verbo Veritatis verius.

In cruce latebat sola Deitas, / At hic latet simul et humanitas; / Ambo tamen credens atque confitens, / Peto quod petivit latro paenitens.

Plagas, sicut Thomas, non intueor; / Deum tamen meum te confiteor. / Fac me tibi semper magis credere, In te spem habere, te diligere.

O memoriale mortis Domini! / Panis vivus, vitam praestans homini! / Praesta meae menti de te vivere / Et te illi semper dulce sapere.

Pie Pellicane, Iesu Domine, / Me immundum munda tuo Sanguine. / Cuius una stilla salvum facere / Totum mundum quit ab omni scelere.

Iesu, quem velatum nunc aspicio, / Oro fiat illud quod tam sitio; / Ut te revelata cernens facie / Visu sim beatus tuae gloriae. / Amen!



“Deus criou o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus, criou o homem e a mulher” – Gn 1, 27

A PERNICIOSA IDEOLOGIA DE GÊNERO

Deus criou o homem e a mulher como realidades complementares. Isso pode ser observado simplesmente olhando-se para o corpo do homem e o corpo da mulher. Mas não é só fisicamente que homem e mulher se diferenciam: o homem é diferente da mulher também na alma. Essa realidade, aparentemente óbvia, está sendo distorcida pela “ideologia de gênero”.

A palavra “gênero” é perigosa por não explicitar muito bem o que quer dizer. Por isso, as pessoas de bom-senso devem exigir uma definição do que vem a significar. O senso comum identifica “gênero”

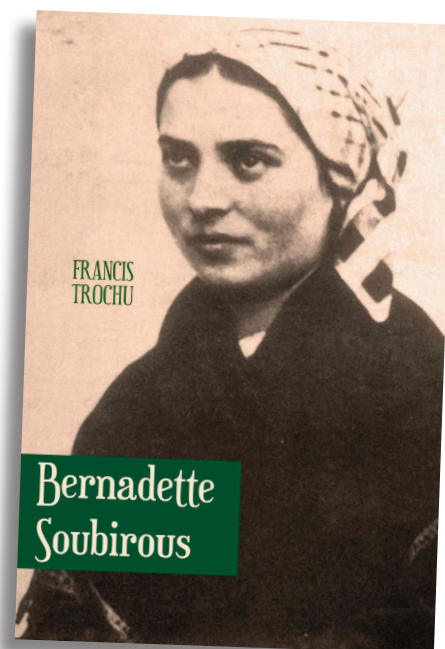
como sinônimo de “sexo”, masculino e feminino. Contudo, essa simples palavra carrega uma grande (e perigosa!) carga ideológica. Gênero, na linguagem *marxista*, – leia-se **todos** os movimentos de esquerda, – significa uma construção social, que tende a contrariar o sexo biológico. Quando nasce um menino, – com o seu devido órgão reprodutor, cromossomo XY, etc. – ele nasce um ser humano do sexo masculino e para se tornar homem, necessariamente. Explico-me: durante o processo de formação no útero da mãe, quando o feto é masculino, com apenas oito semanas, uma grande quantidade de testosterona destrói algumas células

cerebrais destinadas à comunicação, enquanto crescem células destinadas ao impulso sexual e à agressividade – biologicamente falando, é isso que torna o homem, homem¹. – Contudo, ser homem ainda requer um esforço pessoal, e esse esforço pessoal é ajudado pelos aspectos biológicos adquiridos no processo de formação durante a gravidez.

O mesmo, evidentemente, vale para a mulher em seus aspectos físicos e psicológicos. Os adeptos da ideologia de gênero, porém, têm como meta aniquilar com os conceitos de homem e mulher, substituindo-os por algo neutro. Querem forçar toda uma sociedade a aceitar essa



BIBLIOTECA CATÓLICA



Bernadette Soubirous conta duas histórias: a da aparição da Virgem Maria em Lourdes, França, em 1858, e a da garota camponesa de apenas 14 anos, – criada na pobreza e analfabeta, – para a qual Nossa Senhora apareceu. É também a história da vida oculta de Bernadette como uma freira comum no seu convento em Nevers, onde ela alcançou o ápice da santidade. Sua infância e vida familiar, bem como seu caráter, – honesta, inteligente e direta, – são descritos com maestria. O livro conta em detalhes sua descrição de Nossa Senhora, os eventos em torno das 18 aparições, a oposição das autoridades civis e os milagres de Lourdes.

Santa Bernadette padeceu muito no corpo e na alma em sua vida como freira. A Virgem Maria lhe dissera: “Não te prometo a felicidade neste mundo, mas no próximo”. A promessa seria cumprida, quando a santa morreu com apenas 35 anos. Na morte, ela parecia jovem e bela, apesar de todo o tormento da doença que sofreu, e, quando seu corpo foi exumado, 30 anos depois, permanecia incorrupto.

- CULTOR DE LIVROS
- 512 páginas
- Francis Trochu

quimera como sendo algo bom. Acontece, simplesmente, que na realidade objetiva não é assim que as coisas funcionam. O ser humano tem, intrínseco ao seu ser, o conhecimento daquilo que é verdadeiro e falso. Uma mulher que toma hormônio masculino para ficar musculosa (e ter barba!) nunca chegará a ser homem, porque nasceu para ser mulher.

Entre as décadas de 1960 e 1970, o psicólogo Dr. John W. Money realizou uma macabra experiência envolvendo Bruce Reimer, na qual mudou o seu sexo cirurgicamente, quando ainda era um bebê de dois anos, com autorização dos pais. Havia transformado o corpo do menininho num corpo de menina, e conforme ele crescia davam-lhe hormônios e criação feminina. A experiência resultou num desastre: a “cobaia” se recusava a brincar com bonecas, exigia urinar em pé, queria desesperadamente se vestir e ser visto como homem, mesmo sem saber que era, de fato, um menino. Após toda uma vida de sofrimento, terminou cometendo suicídio².

Hoje, está se fazendo uma experiência parecida com as nossas crianças, feminilizando os meninos e masculinizando as meninas. Isso acontece porque, para os ideólogos de gênero, ser homem e ser mulher depende apenas de uma construção social. Por isso, os valores são invertidos ainda na infância e se trocam os papéis do homem e da mulher. – Como é possível observar no Cântico dos Cânticos, o amado é aquele que vai atrás da amada, é aquele que a chama, é aquele a quem pertence a realidade ativa. Já a amada é comparada a uma fonte lacrada que contém preciosas águas e que merece ser buscada. O homem é o doador da vida, a mulher é o receptáculo.

“Por isso, o homem deixa seu pai e sua mãe para se unir à sua esposa; e já não são mais que uma só carne.” (Gn 2,24)

A questão do celibato é assunto para outra conversa; mas notamos que, por exemplo, um sacerdote católico deve portar-se como homem, tal qual Deus quer. O homem é aquele que se entrega de corpo e alma. O Padre se entrega de corpo e alma pelo povo de Deus, como o pai de família se entrega de corpo e alma por sua esposa e seus filhos. Uma mulher que opta pela vida consagrada a Deus O recebe como uma esposa recebe seu marido: com amor e ternura.

Termino esta breve exposição alertando: a perniciosa, assassina e injusta ideologia de gênero já está sendo implantada: sutilmente, disfarçadamente, sem que se perceba, nas mentes das nossas crianças.

Justiça é dar a cada um aquilo que lhe compete e agir conforme a natureza nos dispôs. No fundo, é simples: o homem deve ser homem nos atos e nas aspirações, nos desejos e nos sentimentos; a mulher deve agir, desejar e sentir como mulher. Portanto, qualquer coisa que contrarie isso é inimiga da natureza querida por Deus.

Por Igor Andrade de Maria

1. COX, Michael & O'DONNELL, Jennifer A. *Biologia Molecular: Princípios e Técnicas*. Porto Alegre: Artmed, 2012, pp. 37-40. 271. 836.

2. COLAPINTO, John. *As Nature Made Him*, N. York: Harper Perennial, 2000.

• Mais informações sobre o caso Reimer na internet: aleteia.org

* Não deixe de assistir “O Paradoxo da Igualdade de Gênero”, documentário.

São João Batista - 24 de Junho



São João Batista, voz que clama no deserto: 'Endireitai os caminhos do Senhor; fazei penitência, porque no meio de vós está Quem não conheceis, e do qual eu não sou digno de desatar os cordões das sandálias'; ajudai-me a fazer penitência das minhas faltas para que eu me torne digno do perdão daquele que anunciastes com as palavras: 'Eis o Cordeiro de Deus, eis aquele que tira o pecado do mundo'. São João, pregador da penitência, rogai por nós! São João, que fostes precursor do Messias, rogai por nós! São João, alegria do povo, rogai por nós. Amém!